

Desdobramentos da Contratransferência, ou aquilo que diz respeito à Formação do Analista

*Suzana Alves Viana **

Há cerca de dois anos defendi minha tese que se chamou: "DA CONTRATRANSFERÊNCIA À CONTRA-TRANSFERÊNCIA: Reflexões a partir da clínica".

Durante o tempo que se seguiu preparei esta tese para vir a ser um livro e o chamei: "Contratransferência: a questão fundamental do psicanalista".

Preferi este título. Ele se aproximava mais daquilo do qual eu me aproximava: a formação do analista passa pela **contratransferência**.

Sem dúvida nenhuma! Não sou a primeira a dizer isto.

Mas passa como?

Se com Freud a contratransferência era resistência, com Heimann tornou-se instrumento de trabalho para o analista, como reunir estes dois pontos de vista, para torná-la a questão fundamental do analista?

Com Ferenczi temos posta a preocupação por uma metapsicologia do psicanalista num artigo em que ele trabalha o **Tato** como a forma de abordar o paciente.

E o quê dá **Tato** ao analista? Parece-me sim ser "seus restos não analisados"

Tais restos corresponderiam ao que Lacan pensa como Desejo do Analista?

Teremos aqui que especificar um pouco mais o contexto.

Em minha tese defendo a idéia de que o analista **vai se formando** como analista (e aqui friso o gerúndio como o único tempo possível para o analista) à medida em que se vê desabrochar, ou mesmo, se desdobrar na análise de seus pacientes.

Cada paciente toca-lhe com seu estilo; o analista reage a ele com o seu.

Isto lhe permite, aos poucos, ir delineando um perfil, um esboço daquele que nele se candidata à difícil arte de ser psicanalista.

* Professora do Curso Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae - São Paulo.

O barro que lhe dá forma está nele mesmo. Vem das regiões pantanosas e obscuras da sua lama, quando esta, em momentos de envolvimento, fala com Deus.

Deus é aqui, aquilo que lhe põe em contato consigo próprio, no momento em que esse contato é criação, no momento em que o barro aspira a uma forma e a encontra na palavra, ou mesmo, em forma mais informe numa imagem imaginária.

Tanto os “restos não analisados” do analista, assim como o “desejo de ser analista” constituem esse barro que dá forma àquele que se candidata.

Haverá, entretanto, uma fronteira entre o candidato a analista e o analista?

Vem-me à lembrança o AORISTO.

O Aoristo, tempo gerúndio do Grego, reúne o passado e o presente sem os misturar. Uma ação passada continua no presente. Entretanto, estas ações se diferenciam no interior do tempo que as reúne, o tempo de um continuum.

No interior desse tempo, entretanto, terá necessariamente que haver um contorno que se desenhe e se oponha, aparentemente a um “em-torno”. Uma oposição é necessária enquanto pensamos numa diferenciação de tempos.

Isto me remete a Blanchot(1). Entendo que o movimento do pensamento na Pesquisa(Recherche) ou o movimento do pensamento na Procura (Recherche) procede por continuidade e ruptura.

Assim na **Formação**, movimentos de ruptura e continuidade se dão.

Precisando esta idéia, penso que do ponto de vista teleológico, há o contínuo, movimento cuja forma é uma espiral, círculo que alongando-se sobre si mesmo, ganha outras superfícies e o espaço, que marca a diferença entre o círculo e a espiral, é justamente a representação dessa ruptura.

Assim, a ruptura está ainda contida pelo movimento do continuum, sem entretanto perder sua especificidade de marcar um espaço diferente.

A esta altura pensemos. O que tem tudo isto a ver com os desdobramentos da contratransferência num analista?

Quando penso a Contratransferência **como a questão**

do psicanalista, a tomo no sentido do **Pathos** de todo analista.

Atravessar a Contratransferência como o **trágico** em direção ao **Épico**, o que resultaria na apropriação de Pathos por Mathos.

O trágico da repetição prevista pelo Destino (Oráculo) é transformada na medida em que o analista apropria-se daquilo que lhe é próprio, mas que ainda não pode reconhecer.

“Não aprendemos nada com mais dificuldade do que o livre uso do que é racional. E, como acredito, é precisamente a **claridade da exposição** que nos é natural, tão natural como o é para os Gregos o **fogo do céu**. Mas aquilo que nos é próprio, precisa ser aprendido tão bem quanto aquilo que nos é estrangeiro. É por isto que os Gregos nos são indispensáveis...” (Holderlin, apud Heidegger(2))

Para Heidegger, esta é a lei segundo a qual o poeta só chega a estar em casa, naquilo que lhe é próprio, ao final de uma travessia poética que o conduz, de início ao estrangeiro, no exílio.

“O próprio dos Gregos é o fogo do céu. Na luz e na chama, que lhes anuncia a aproximação e a proximidade dos deuses, eles se encontram em casa. Mas no início de sua história, eles justamente não estão em casa, nesse fogo. Para apropriar-se do que aí possuem enquanto próprio, eles devem atravessar aquilo que lhes é estrangeiro: a claridade da exposição. Ela deve trazer-lhes o estranhamento e capturá-los para poder então ser o único auxílio a lhes permitir sustentar o fogo no sereno esplendor da justa claridade”. (id. ibid., p.111).

Para o analista também esta é a lei: é preciso que ele faça a travessia daquilo que, enquanto próprio, lhe é desconhecido, ou apenas conhecido com estranhamento.

É isto que faz o analista ao percorrer sua análise: ao procurar-se (recherche) como (com-o) analista, busca no estrangeiro aquilo que, no entanto, já lhe pertence.

(1) Blanchot, M. "L'Entretien Infini". Gallimard, 1969.

(2) Heidegger, M. "Approche de Holderlin", Gallimard, 1973, p.111. Conferir também Fédiga, P. "Nome, figura, Memória, Escuta.